DIDÁTICAS ANTIRRACISTAS NO ENSINO SUPERIOR: POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Dailza Araújo Lopes[1], Jéssica Santos de Azevedo[2], Ariana Passos Santos[3] e Helena Rachel da Mota Araujo[4]

[1]Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenadora do Grupo de Estudos em Pedagogias, Racialidades, Etnicidades, Educação e Gênero – GEPREEG, e integrante pesquisadora do Coletivo angela Davis (UFRB) - dailza.lopes@uesb.edu.br

[2]Pedagoga (UESB), Mestranda em Educação e Diversidade (MPED/UNEB/CAMPUS XVI), integrante do Grupo de Estudos em Pedagogias, Racialidades, Etnicidades, Educação e Gênero – GEPREEG – azevedojessic4@gmail.com

[3]Pedagoga (UESB), Mestranda em Educação (PPGED/UESB), integrante do Grupo de Estudos em Pedagogias, Racialidades, Etnicidades, Educação e Gênero – GEPREEG – arianapassos18@gmail.com

[4]Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenadora do Núcleo de Estudos em Biodiversidade, Gênero e Interseccionalidades - Grupo Anaya- helena.araujo@uesb.edu.br

Introdução

A presente proposta de relato de experiência tem como objetivo apresentar possibilidades de abordagens pedagógicas dentro das didáticas antirracistas nos cursos de licenciatura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Jequié/Ba.

A necessidade de vivenciar didáticas antirracistas na formação inicial docente se dá devido à necessidade de desenvolver práticas de combate ao racismo nas salas de educação básica. É comprovado por estudos como o de Cintia **Cardoso**[1] (2020, p. 05) onde afirma que a manutenção das pedagogias da branquitude, "consolida-se nos espaços reforçando a violação dos direitos das crianças negras e a institucionalização da hegemonia do branco como padrão de civilidade e de beleza".

A partir do exposto, acreditamos na educação enquanto ferramenta de transformação social, que precisa ir além das questões didático-pedagógicas e alcançar a dimensão política do processo educativo, ao tempo que possibilite uma formação crítico-reflexiva e formativa.

[1] As autoras negras ao aparecerem pela primeira vez no texto, terão seu sobrenome em destaque negrito, como forma de combater a invisibilidade das intelectuais negras dentro das políticas de citação. Esta ação é um desdobramento coletivo encaminhado na Escola Transnacional de Feminismo Negro e Decolonial, realizada em Cachoeira/Ba no ano de 2018 e publicada no artigo escrito por Angela **Figueiredo** (2020).

Dito isso, torna-se importante pensar sobre a lei 10.639/2003 e na lei 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, entretanto, após vinte anos da promulgação das referidas leis, ainda é possível ver cotidianamente, docentes que não conhecem a lei, tão pouco se comprometem com ações de combate ao racismo no espaço escolar.

Metodologia

A metodologia baseou-se nos princípios no desenvolvimento de didáticas antirracistas com estudantes de licenciatura em Pedagogia, Matemática, Teatro e Letras matriculadas nos referidos cursos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no primeiro, quarto e oitavo semestre. As disciplinas às quais as práticas foram aplicadas são: Educação e Relações Étnico-raciais - ERER: cultura indígena, Educação e Relações Étnico-raciais - ERER: cultura africana e Relações Étnico-raciais.

O Relato de Experiência (RE) foi a metodologia encontrada para compartilhar as vivências nas disciplinas citadas de maneira a alcançar mais pessoas e ampliar o repertório de didático nos cursos de licenciatura ofertados pelas instituições de ensino superior. De acordo com Mussi et.al (2021, p. 64) esse tipo de metodologia tem uma "contribuição fundamental na produção do conhecimento por apresentar de forma sistematizada e com teórica possíveis coadunar com teóricas".

Os componentes citados foram ofertados nos semestres 2024.2 (ERER: cultura indígena, ERER: cultura africana e Relações étnico-raciais), 2025.1 (ERER: cultura indígena, ERER: cultura africana) e 2025.2 (ERER: cultura indígena, ERER: cultura africana) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, somando um total de 180 estudantes que acessaram possibilidades de didáticas e discussões com a temática antirracista, que possivelmente aplicaram em suas turmas da educação básica, uma vez que são cursos de licenciatura.

Resultados e discussões

A partir das vivências nos componentes curriculares citados, utiliza-se de algumas estratégias para fomentar na prática pedagógica das futuras professoras ações antirracistas. Tendo em vista as ideias de Vera Candau (1983) quando enfatiza que o objetivo da didática é

o processo de ensino-aprendizagem, torna-se necessário que esses procedimentos possam ser conduzidos considerando a diversidade, a inclusão e o combate ao racismo.

Inicialmente trabalha-se de forma conceitual tomando como base o "Dicionário das Relações étnico-raciais contemporâneas" organizado pelas autoras Flávia **Rios**, Marcio André **Dos Santos,** Alex **Ratts** (2023), onde é solicitado que cada estudante escolha um verbete que mais lhe chamou a atenção, em seguida trazer para a uma roda de conversa que é feita na sala de aula. Esta atividade tem como foco potencializar a pesquisa e introduzir as temáticas das relações étnico-raciais no contexto formativo da turma.

Com a realização da roda de conversa, solicito a autodeclaração de cada estudante, como forma de trazer a compreensão identitária a qual grupo étnico-racial pertencem, como forma de possibilitar percepções outras sobre os lugares sociais ocupados por pessoas negras e não-negras na sociedade, além de fomentar a discussão sobre a formação da identidade nacional e sua organização para o que Oracy Nogueira (2007) conceituou como preconceito racial de marca, que se configura como a produção de situações de preconceito e exclusão baseado nas características fenotípicas: cabelo, nariz, boca e cor da pele, sendo elas vetor de identificação sobre quem é considerado negro no Brasil.

Uma forma de fortalecer as identidades é a imagem. Em todos os slides dos textos, são trazidas as fotos das/os autoras/es, como forma de somar ao movimento que traz a imagem na capa dos livros escritos por pessoas negras, obras como de Angela **Davis**, Grada **Kilomba**, Sueli **Carneiro**, Beatriz **Nascimento**, Carla **Akotirene**, Clóvis **Moura**, Viola **Davis**, Michele **Obama,** dentre outras/os, e que pode ser uma metodologia antirracista, somada ao trabalho com autores e autoras negras, atuando como fortalecimento da subjetividade de pessoas negras, uma vez que o racismo atua diretamente na construção de uma autoestima mediada pela rejeição dos traços negros. (Brasil, 2005).

A realização de bingos com as palavras de origem indígena e africana que são faladas no cotidiano brasileiro, traz para sala de aula, aspectos da cultura africana, afro-brasileira e indígena que influenciam o vocabulário local e nacional, fazendo com que as estudantes compreendam a importância do trabalho com a temática em sala de aula, como uma forma de fortalecimento da cultura e da identidade de crianças negras, indígenas e brancas a contribuição da população negra e indígena na formação sociocultural do Brasil, levando as futuras docentes a desconstruírem a história única, conforme orienta Chimamanda **Adichie** (2019).

A seguir, apresentamos os jogos das personalidades indígenas e negras do nosso Brasil, pois conhecendo mais pessoas que pertencem ao grupo étnico-racial negro e indígenas, vai fortalecer a educação antirracista, e conforme aponta Eliane **Cavalleiro** (2001) em seus escritos sobre racismo e antirracismo na educação:

Imagem 1: jogo das personalidades indígenas

	1	2	3	4	5	6
A	 Ailton Krenak	 Tukumã Pataxó	 Sandra Terena	 Daniel Munduruku	 Cacique Babau	 Dj Rapha Anacé
B	 David Kaique	 Alice Pataxó	 Myrian Krexu	 Márcia Kambeba	 Kaká Werá	 Eliane Potiguara
C	 Auritha Tabajara	 Caique Raoni	 Hitxá Pataxó	 Julie Dorrico	 Sonia Guajajara	 Ana Paula Almeida

Fonte: criação própria, 2023.

Acima temos personalidade locais e nacionais que atuam dentro da luta indígena, e o trabalho com a história dessas pessoas faz com que a lei 11.645/2008 seja celebrada e implementada nos espaços de educação. Conforma aponta Edson **Kayapó** (2023, p. 23) “a lei coloca sob suspeita o currículo que produz e reproduz a invisibilidade e o silenciamento desses povos, rejeitando o racismo, os estereótipos e generalidades a que eles foram subjugados historicamente”. A imagem a seguir, apresenta algumas personalidades negras do meio local, estadual e nacional:

Imagem 2: jogo das personalidades negras

	1	2	3	4	5
A	 Elza Soares	 Thiffany Odara	 Jaqueline Gomes	 Joaquim Barbosa	 Jaqueline de Jesus
B	 Sueli Carneiro	 Linn da Quebrada	 Barbara Carine	 Luiza Bairros	 Angela Figueiredo
C	 Zelinda Barros	 Marise Santana	 Elisa Lucinda	 Muniz Sodré	 Abdias Nascimento

Fonte: criação própria, 2023.

Para executar os jogos acima, é necessário a divisão em grupos a partir das quantidade de estudantes presentes na turma, elaboração de perguntas conforme texto disponibilizado ou conteúdo já exposto da disciplina, sorteia-se a ordem de escolha e combina-se as regras do jogo (pontuação, tempo de resposta para cada pergunta, sequência de escolhas e desempate), em seguida pede-se para cada grupo escolher a pessoa conforme sua colocação no quadro, por exemplo, Joaquim Barbosa – A4, a pessoa que está conduzindo o jogo, vira um papel previamente escrito, com a informação (pergunta, prenda, ganha ou perde pontos) contida no item A4, e lê-se também a história de Joaquim Barbosa, ganha quem fizer mais pontos.

Com todas as questões apresentadas, reitero a importância da formação inicial de professoras ofertada pelas instituições de ensino superior, as quais devem possibilitar uma prática pedagógica inclusiva e antirracista, com vistas a atender as leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Conclusões

Diante do presente relato de experiência percebe-se a importância das temáticas antirracistas permearem os cursos de licenciatura e de formação continuada. Declara-se ainda que o jogo pode ser um mecanismo muito eficaz de promover discussões e debates que vão atuar como combate ao racismo. As atividades desenvolvidas são apenas algumas possibilidades para o trabalho no ensino superior e que pode ser adaptado para a educação básica e para outros cursos de graduação, direcionando para o reconhecimento da influência indígena e africana na formação Brasil, fortalecimento da identidade étnico-racial, combate

ao silenciamento da história indígena e africana, estimular a investigação sobre os significados das palavras, articular conhecimentos de Língua Portuguesa, Geografia e História em uma proposta interdisciplinar, além de incentivar a valorização da cultura indígena, africana e afro-brasileira, colaborando para a efetivação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CANDAU, Vera Maria. A didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão.** Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1983. p. 13-24.

CARDOSO, Cintia. PEDAGOGIA DA BRANQUITUDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em um núcleo de educação infantil do município de Florianópolis/SC. **Anais...** XI COPENE 2020• Simpósio Nacional de Educação Básica (SINEB), Curitiba, Paraná. Disponível em: <https://www.copene2020.abpn.org.br/resources/anais/10/copene2020/1619439882_ARQUIVO_d306ffc72781fd1e890383abf540fffc.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2026.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

KAYAPÓ. Edson. **Lei 11.645/08 e a Educação Indígena**. DPAAE. Salvador: EDIFBA, Coleção Pedagógica do Programa Asé-Toré Formação em Educação sobre Negras(os) e Povos Indígenas; V. 2. 2023.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 6 abr. 2026.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 19, junho, 2007. p. 287-30.

RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex (orgs.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023.